



REALIZAÇÃO DA OCLUSIVA DENTAL SURDA E SONORA NO ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ/ALPR (AGUILERA, 1994)

REALISATION OF VOICELESS AND VOICED DENTAL PLOSIVES IN THE LINGUISTIC ATLAS OF PARANÁ/ALPR (AGUILERA, 1994)

Nadieli Mara Hullen Gerei (UNIOESTE)¹

nadielimara@hotmail.com

Sanimar Busse (UNIOESTE)²

sani_mar@yahoo.com.br

RESUMO: O tema desta pesquisa é a formação de áreas linguísticas no Oeste paranaense a partir da heterogeneidade e mutabilidade da língua e dos movimentos migratórios. A descrição das áreas linguísticas a partir da análise dos fenômenos fonéticos permite resgatar a trajetória, a permanência ou o abandono das formas, como reflexo da identidade cultural, social e linguística da comunidade. O trabalho orienta-se a partir da seguinte questão de pesquisa: nas áreas linguísticas formadas na região em torno dos grupos colonizadores e dos movimentos migratórios, sulistas e nortistas, podem ser identificados processos de manutenção e de variação linguística no registro das variantes para a oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior? O objetivo geral do trabalho é descrever a formação de áreas linguísticas na região, considerando os grupos colonizadores e os movimentos migratórios, sulistas e nortistas, a partir da manutenção e da variação linguística no registro da oclusiva dental surda e sonora no estudo do Atlas Linguístico do Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994). Para a leitura e análise dos dados, nos fundamentamos em estudos variacionistas, na Dialetologia e na Geolinguística. Os dados revelam: i) formação de áreas linguísticas com maior variação entre a oclusiva dental e a africada alveopalatal, em municípios com colonização de grupos oriundos do Norte e Centro do Paraná, sobretudo em Assis Chateaubriand e Guaíra, ii) áreas em fase de transição entre formas, em localidades formadas por descendentes de imigrantes italianos e alemães, mas com presença também de trabalhadores do Nordeste e Sudeste do Brasil, como Cascavel e Guaraniaçu e iii) áreas linguísticas que, devido à colonização de frente sulista, registram a manutenção da oclusiva dental, como Marechal Cândido Rondon.

PALAVRAS-CHAVE: Fala; Variação; Oeste do Paraná.

ABSTRACT: The theme presented in this research thesis is the formation of linguistic areas in Western Paraná due to the heterogeneity and mutability of the language and the migratory movements. The description of linguistic areas based on the analysis of the phonetic phenomena allows us to recover the trajectory, permanence, or abandonment of forms, as a reflection of the cultural, social, and linguistic identity of the community. This paper is guided by the following research question: in the linguistic areas formed in the region around colonizing groups and migratory movements, southern and northern ones, can processes of maintenance and linguistic variation be identified in the registration of variants for the voiceless and voiced dental stop followed by the front high vowel? The general objective of this paper is to describe the formation of linguistic areas in the region, considering the colonizing groups and the migratory movements, southern and northern ones, regarding the maintenance and linguistic variation in

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

² Professora Doutora do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado e Doutorado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

the registration of the voiceless and voiced dental stop in Linguistic Atlas of Paraná/ALPR (AGUILERA, 1994). for data reading and analysis, we based ourselves on variationist studies, in Dialectology and Geolinguistics. The data reveal: i) formation of linguistic areas with greater variation between the dental stop and the alveo-palatal affricate in municipalities that were colonized by groups coming from the north and the center of Paraná, predominantly in Assis Chateaubriand and Guaíra, ii) areas in a transition phase between forms, in localities formed by descendants of Italian and German immigrants, but also with the presence of workers from the northeast and the southeast of Brazil, such as Cascavel and Guaraniaçu, and iii) linguistic areas that, due to southern colonization, register the maintenance of the dental stop, like Marechal Cândido Rondon.

KEYWORDS: Speech; Variation; western Paraná.

1 Introdução

Neste artigo apresentamos os dados e a análise referente à formação de áreas de manutenção da realização da oclusiva dental surda e sonora e de variação para a variante palatalizada em registros de cartas linguísticas do ALPR (AGUILERA, 1994). O Atlas Linguístico do Paraná/ALPR foi publicado em 1994 por Vanderci de Andrade Aguilera, como resultado de sua tese de doutoramento, apresentada em 1990 na UNESP (Universidade Estadual Paulista). A autora cartografou variantes lexicais e fonéticas, elaborou delimitação de isoglossas e organizou um glossário, que publicou posteriormente. O período de coleta de dados compreendeu de 1985 a 1989 (AGUILERA, 1996, p. 107-131).

Em sua tese, Aguilera elaborou 191 cartas linguísticas, com dados dos informantes e das localidades, além de notas explicativas sobre as variantes e sobre as isoglossas. Entre os municípios elencados para a rede de pontos neste estudo, fazem parte da região Oeste os seguintes (pontos) e municípios: (27) Guaíra; (32) Marechal Cândido Rondon; (33) Assis Chateaubriand; (39) Cascavel; (40) Guaraniaçu e (47) Foz do Iguaçu.

2. Metodologia de pesquisa

Com o objetivo de observar os ambientes linguísticos que se formam em torno da dimensão diatópica para cada variante, refletimos sobre a realização da oclusiva dental e da variante palatalizada por parte de homens e mulheres e as condições para a identificação dos *status* linguístico das formas em cada localidade.

A análise da formação de áreas de variação e manutenção linguística pressupõe o detalhamento das ocorrências em cada ponto da rede, observando a perspectiva temporal das pesquisas e o registro diassexual da oclusiva dental e da africada alveopalatal.

A seguir, apresentamos os dados e a análise referentes à oclusiva dental surda e sonora e da variante palatalizada, conforme registros para os pontos correspondentes aos municípios do Oeste do Paraná no ALPR (AGUILERA, 1994).

A rede de pontos do ALPR (AGUILERA, 1994) é formada pelos seguintes municípios do Oeste do Paraná, conforme o quadro 01.

Quadro 01 – Rede de pontos em exame do ALPR (AGUILERA, 1994)

Número do ponto	Nome da localidade
Ponto 27	Guaíra
Ponto 32	Marechal Cândido Rondon
Ponto 33	Assis Chateaubriand
Ponto 39	Cascavel
Ponto 40	Guaraniaçu

Fonte: elaborado pela autora com base no ALPR (AGUILERA, 1994).

Na sequência, procedemos à análise dos dados.

3. Oclusiva dental surda e sonora seguida da vogal alta anterior: o que revelam os dados

Para a análise da realização da dental surda, foram selecionadas as lexias³ “Transanteontem” – nº 95 e “Ponte” – nº 103, e para a oclusiva dental sonora a carta linguística “Redemoinho” – nº 132. A seguir, no Quadro 02, apresentamos as variantes registradas pelos informantes do sexo feminino e do sexo masculino, de acordo com a rede de pontos, para o item lexical “transanteontem” (Carta Linguística nº 95).

³ Neste trabalho, usamos *item lexical*, *lexia* e *forma* como sinônimos.

Quadro 02 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 95

CARTA LINGUÍSTICA Nº 95 “TRASANTEONT EM”	PONTO	HOMEM	MULHER
	Ponto 27 – Guaíra	Sem registro	[trèjzã'tʃiõtʃ ɪ]
	Ponto 32 – Marechal Cândido Rondon	Sem registro	Sem registro
	Ponto 33 – Assis Chateaubriand	[trèjzãtʃj'õtʃɪ]	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	[trèjzã'tôte]	[trèjzã'tôte]
	Ponto 40 – Guaraniáçu	[trèjzã'tôte]	[trèjzã'tõtʃɪ]

Fonte: elaborado pela autora com base no ALPR (AGUILERA, 1994).

Destacamos que em “transanteontem” podem ocorrer a desnasalização da sílaba final (tem>te/ti/tʃi), a palatalização da oclusiva (te>ti>tʃi), caso ocorra o alçamento da vogal média-alta /e/. Ambos estão em contexto átono, pré e postônico. Segundo Amaral (2009), “A tonicidade é um fator de suma importância em questões que tratam da sílaba. A literatura demonstra que a variação se dá principalmente na sílaba átona” (AMARAL, 2009, p. 106).

Conforme os dados, podemos verificar que os informantes, em sua maioria, ao palatalizarem a oclusiva dental em contexto medial, registram o fenômeno também em sílaba final. Em pesquisa sobre o município de Caxias do Sul, Matté (2011) realizou dezesseis entrevistas e observou que, na taxa de aplicação da regra de 35% no município, o contexto fator medial atuava com mais força na palatalização, seguido de contexto inicial e final. Em Sergipe, Souza (2016), com o banco de dados do projeto “Falares Sergipanos”, observou, nas sessenta entrevistas analisadas, o desencadeamento de africada alveopalatal em coda. Para Hora (1990), contudo, a posição inicial parece



favorecer o aparecimento do fenômeno. Não há, portanto, nas pesquisas aqui apresentadas, um contexto mais favorável para a palatalização no português brasileiro.

No quadro 02, observamos que, dos casos em que há o registro da palatalização, nos municípios de Guaíra e Assis Chateaubriand, a presença de africada alveopalatal se faz nos dois contextos. Conforme destacam Cristófaró Silva *et al.* (2012, p. 62), “a palatalização de oclusivas dentais é um importante marcador dialetal e social. Falantes identificam a palatalização como característica de diferentes falares”. Em Assis Chateaubriand e em Guaíra observa-se uma realidade marcada pela realização da africada alveopalatal para a oclusiva dental diante da vogal fonológica /i/. Neste contexto, a palatalização resulta do alçamento vocálico.

Em Cascavel, por sua vez, a manutenção da oclusiva dental é registrada pelos informantes nos dois contextos. Em Guaraniaçu verifica-se um contexto de palatalização apenas no final da palavra, diante da vogal fonológica. Os informantes de Cascavel e o informante de Guaraniaçu registraram [trɛjzã'tôte], com a síncope da sílaba pretônica [te], enquanto na postônica manteve-se a vogal média sem o alçamento.

Segundo Amaral (2009), “Se a presença da vogal alta anterior /i/ é o gatilho da regra de palatalização, o seu apagamento, através da síncope, é crucial para a formação da africada alveopalatal, na sequência não-palatalizada” (AMARAL, 2009, p. 133). No item lexical em exame, houve uma substituição da vogal média-alta /e/ por vogal média posterior arredondada nasal [õ], ou seja, uma “ressilabação” (AMARAL, 2009). Bisol e Hora (1993), além de Abaurre e Pagotto (2002), observam que a queda da vogal inibe a palatalização.

Observamos nas localidades a formação de ambientes de registro da palatalização nos dois contextos, de alternância entre a realização da oclusiva dental e da africada alveopalatal, e de realização apenas da oclusiva dental.

Na sequência, no quadro 03, apresentamos os dados para “ponte” (Carta Linguística nº 103).

Quadro 03 – Realização da oclusiva dental surda – Carta Linguística nº 103

CARTA LINGÜÍSTICA Nº 103 “PONTE”	PONTO	HOMEM	MULHER
	Ponto 27 – Guaíra	['põte]	['põte]
	Ponto 32 – Marechal Cândido Rondon	['põte]	['põte]
	Ponto 33 – Assis Chateaubriand	['põtSɪ]	Sem registro
	Ponto 39 – Cascavel	['põtSɪ]	['põtSɪ]
	Ponto 40 – Guaraniáçu	['põte]	['põtʃy]

Fonte: elaborado pela autora com base no ALPR (AGUILERA, 1994).

Em “ponte”, temos uma palavra dissílaba com contexto anterior nasal. A oclusiva dental se encontra em contexto postônico. No estudo de Hora (1990), em relação ao contexto fonológico precedente, o contexto nasal seguido pelo contexto de vogal média foi o ambiente mais propício para a palatalização. A variável contexto precedente também foi analisada por Dutra (2007), em estudo sobre o município de Chuí-RS. O autor verificou que um dos principais favorecedores para a palatalização foi o contexto nasal. Em Porto Alegre, a análise da atuação dos fatores linguísticos de Battisti e Duarte (2017) apontou como segundo fator mais determinante para a produção de africada alveopalatal a nasal em contexto precedente. Apesar de a nasalização atuar como contexto favorável, conforme exposto, nos dados aqui apresentados a realização da consoante alveopalatal é registrada nas localidades de acordo com a formação histórico-cultural.

Em Guaíra e Marechal Cândido Rondon, observamos nos dados a manutenção da vogal média alta e a oclusiva dental surda. Muito provavelmente, a colonização sulista, segundo Busse (2010), atua sobre a manutenção de alguns traços linguísticos, como a realização da vogal média alta anterior. Na fala dos descendentes de línguas europeias, que colonizaram o Oeste do Paraná, não é comum a realização da africada alveopalatal, pois, no caso da língua italiana, por exemplo, as vogais /e/ e /i/ são marcadoras, nos substantivos masculinos, de singular e plural, respectivamente, por isso a atenção em pronunciá-las. Conforme destaca Battisti (2011), “a palatalização é desencadeada por

vogal alta no português brasileiro; se a elevação de /e/ átono é baixa, não se alimenta a palatalização” (BATTISTI, 2011, p. 108).

Em Guaraniaçu, os dados indicam que as formas convivem nas localidades, porém a africada alveopalatal não está implementada, ou seja, embora possivelmente tenham contato com a palatalização por meio da mídia ou pelos mais jovens, a manutenção da oclusiva dental pode ser tomada como um indicador das origens dos falantes e da sua identidade linguística, marcada por traços linguísticos característicos das áreas mais ao Sul do Brasil. Naro e Scherre (1996) constataram que o fator mídia, aliado à renda, valor de mercado e sensibilidade linguística pode atuar como um bom indicador social (MOLLICA, 2004), e, neste caso, condicionar a manutenção da consoante ou a sua palatalização.

Conforme Aguilera (1994), quanto aos traços linguísticos do Oeste e Sul do Paraná, os informantes vieram do Rio Grande do Sul e certamente mantiveram os traços dialetais de origem. Cristófaró Silva *et al.* (2012) destacam que palatalização da oclusiva dental atua como variante geográfica:

Há variedades regionais no Brasil em que a palatalização já se consolidou como mudança sonora. Ou seja, as consoantes africadas são sempre seguidas de uma vogal [i]. Por outro lado, há outras variedades regionais em que a palatalização não ocorre ou apresenta baixos índices. Nessas variedades, observa-se que, em alguns casos, ocorre uma africada seguida de [i] e, em outros casos, ocorre uma oclusiva alveolar seguida de [i]. Em variedades não palatalizantes, não é esperado encontrar consoantes africadas (CRISTÓFARO SILVA *et al.*, 2012, p. 62).

Nos casos em que os informantes mantêm a vogal média alta /e/ há inibição da palatalização, pois esta é favorecida pelo contexto de vogal alta anterior /i/, seja fonológica ou fonética, de acordo com Bisol (1991), Battisti (2011), Cristófaró-Silva *et al.* (2012).

Os informantes de Assis Chateaubriand e de Cascavel registraram apenas a africada alveopalatal. Embora na carta linguística (“Transanteontem” – Carta Linguística



95) Cascavel tenha adotado a manutenção linguística para ambos os informantes, no item lexical “Ponte” registrou a variação linguística, transparecendo, na língua, a colonização mista a que a cidade foi submetida. Segundo Tosin (2005),

Na década de 40, o início do ciclo madeireiro trouxe mais famílias do sul, deslocamento chamado de frente sulista. Com a tradição do plantio do café e a melhoria dos preços, mais famílias vieram de outras partes do país, o que gerou a frente cafeeira (TOSIN, 2005, p. 7).

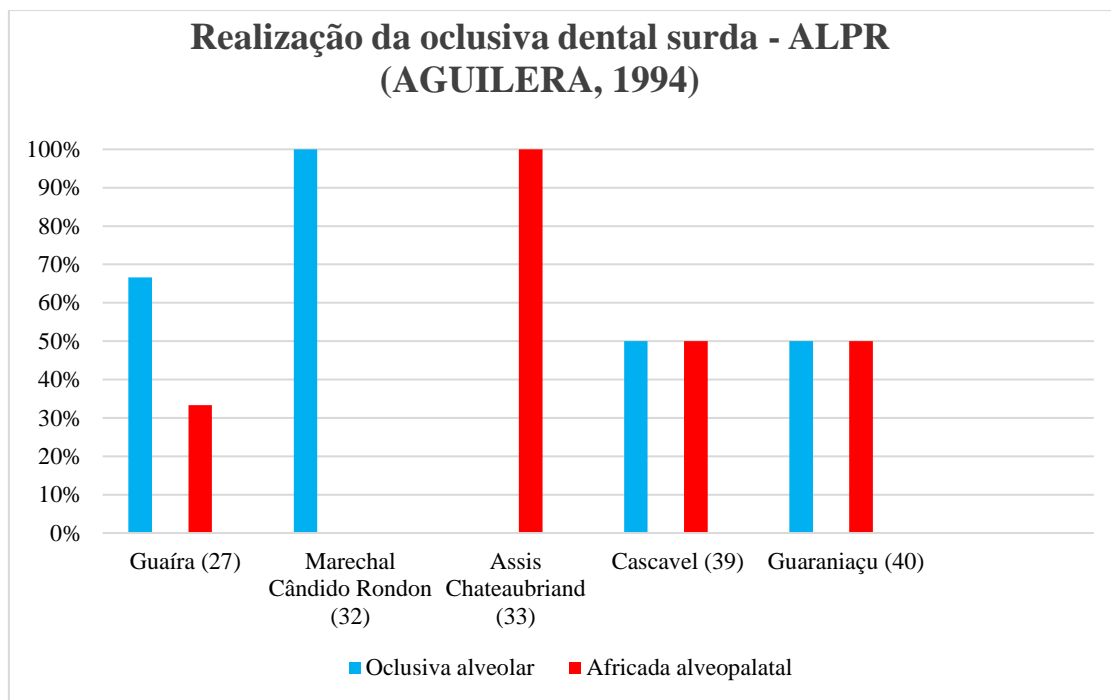
Os movimentos econômicos, como o da madeira, do café, da erva-mate e de outros insumos, sobretudo alimentícios, atraiu diferentes grupos que fixaram moradia e formam a identidade cultural. Com o intuito de fornecer subsídios para o restante do estado, o governo era aberto a vinda de migrantes, pois o Oeste do estado era esvaziado em termos populacionais. Assim, a realidade linguística do município traduz os reflexos de uma colonização mista. Na forma “Ponte”, por exemplo, verificamos diferentes realizações, com presença de manutenção linguística e da variante africada alveopalatal, esta liderada pelas mulheres.

Pesquisas sociolinguísticas comprovam que as mulheres, em geral, adotam mais facilmente a variação, como parece ser o caso da palatalização da dental neste recorte. Henrique e Hora apontam que as mulheres geralmente optam pela variante prestigiada, e por isso aplicam mais a regra da palatalização do que os homens (HENRIQUE; HORA, 2012).

A percepção das diferenças entre a fala de homens e mulheres inicia-se com os estudos de Fischer (1958). O autor observou uma busca maior das formas prestigiadas por parte das mulheres. Não apenas no plano lexical, mas também no fonológico, morfossintático e semântico, as mulheres são mais sensíveis às formas padronizadas. Nas palavras de Paiva (2004), existe uma “maior consciência feminina do *status* social das formas linguísticas” (PAIVA, 2004, p. 35).

A seguir, apresentamos no gráfico 01, os índices de ocorrência para a oclusiva dental surda no ALPR (AGUILERA, 1994).

Gráfico 01 – Realização da oclusiva dental surda no ALPR (AGUILERA, 1994)



Fonte: elaborado pela autora com base no ALPR (AGUILERA, 1994).

Conforme os dados apresentados no gráfico, podemos observar que há maior vitalidade da palatalização em Assis Chateaubriand. Em Cascavel e em Guaíra há equilíbrio no registro das consoantes. No município de Guaraniáçu, há o predomínio da oclusiva dental sobre a da africada alveopalatal. Em Marechal Cândido Rondon não houve registro de palatalização. Com colonização sulista, o município apresenta muitos traços dos falares de descendentes italianos e alemães, vindos do Rio Grande do Sul (BUSSE, 2010). Em pesquisa sobre o estado de origem dos primeiros habitantes de Marechal Cândido Rondon, Battisti (2011) afirma que não há homogeneidade de aplicação da regra:

A palatalização se aplica com frequência muito alta apenas na capital gaúcha, Porto Alegre. Nas comunidades do interior do estado, as frequências totais são de moderadas a baixas, apesar de os condicionamentos estruturais serem os mesmos. E, em pelo menos uma das comunidades, há indícios de que a palatalização se estabilize em índices modestos (BATTISTI, 2011, p. 104).

Battisti (2011) destaca que o fenômeno se encontra de maneira mais tímida nas cidades interioranas devido ao maior sentimento de pertencimento a uma identidade étnica comum. É o que ocorre também no município de Marechal Cândido Rondon: não apenas na língua, mas na arquitetura, costumes e tradições da cidade, como festas e religião, observa-se a defesa pela cultura sulista. Os elementos culturais podem ser recurso de afirmação de identidade e bem simbólico (VENDRAME; ZANINI, 2014), assim como os traços linguísticos. Da arquitetura aos costumes, há no município tentativas de perpetuar a cultura dos antepassados.

No quadro 04, apresentamos os dados para oclusiva dental sonora em “redemoinho” (Carta Linguística nº 132).

Quadro 04 – Realização da oclusiva dental sonora – Carta Linguística nº 132

CARTA LINGUÍSTICA Nº 132 “REDEMOINHO”	PONTO	HOMEM	MULHER
	Ponto 27 – Guaíra	[redemu'ĩɲo]	[rede'mũɲo]
	Ponto 32 - Marechal Cândido Rondon	[redemw' ɲo]	[redemũ'j)ɲo]
	Ponto 33 - Assis Chateaubriand	[hidʒi'mũɲu]	[xidʒi'mũɲu]
	Ponto 39 – Cascavel	[rede'mũɲo]	[redʒi'mũɲo]
	Ponto 40 – Guaraniaçu	[redʒi'mũɲo]	[hedʒi'mũɲo]

Fonte: elaborado pela autora com base no ALPR (AGUILERA, 1994).

Em “redemoinho”, temos um item lexical polissilábico, com a oclusiva dental em contexto átono. Também, destacamos que o item lexical inicia com presença de rótico. É peculiar que, dos dez registros, em oito deles observamos que o fenômeno da palatalização é acompanhado por outras variantes, a velar e a glotal. Com exceção da informante de Cascavel, e do informante de Guaraniaçu, em todos os demais casos, a africada alveopalatal é acompanhada de variante velar ou glotal, e a oclusiva dental de vibrante múltipla. Pesquisas dialetológicas comprovam que a palatalização e o uso de variante velar e glotal são variações trazidas pelos grupos do Norte do Paraná e do Norte e Sudeste do Brasil, enquanto a oclusiva dental e a vibrante múltipla são mais encontradas em sulistas.



A variável vibrante é condicionada, sobretudo, por dois fatores: o grupo geográfico e a posição em que se encontra na sílaba, podendo ocorrer em todos os contextos. Em relação ao contexto geográfico, o uso da vibrante em início de sílaba identifica regiões de colonização sulista, como descendentes de alemães e italianos, e zonas com falantes de língua espanhola, como Uruguai e Argentina (BRESCANCINI; MONARETTO, 2008).

Em Guaraniaçu e Assis Chateaubriand é possível verificar a realização da palatalização da oclusiva dental. Neste caso, a vogal média alta foi alçada à vogal fonética [ɪ], devido à presença de um gatilho, a vogal fonológica alta /i/. Quanto às localidades, Busse (2010) destaca que “estão próximas a outras regiões do Paraná, centro-oeste e noroeste, e apresentam, na sua formação histórica, uma presença predominante de grupos de diferentes regiões paranaenses” (BUSSE, 2010, p. 174).

Os informantes de Marechal Cândido Rondon e Guaíra registraram a oclusiva dental. Embora haja contexto favorável para o alçamento vocálico, permanece o registro da vogal /e/, por consequência, da oclusiva dental, pois a condição para a palatalização é a realização da vogal fonológica /i/ ou da vogal fonética [ɪ]. A formação cultural das localidades pode atuar sobre a fala, pois ambas as localidades receberam grupos de sulistas durante sua formação. Além da presença de descendentes alemães e gaúchos, Guaíra faz fronteira com o Paraguai e mantém contato com falantes de espanhol e guarani.

Cascavel registra a oclusiva dental para o informante e africada alveopalatal na fala da informante. A tendência de as mulheres em se adequar a alguns padrões linguísticos se confirma, reafirmando a sensibilidade do sexo feminino ao socialmente prestigiado.

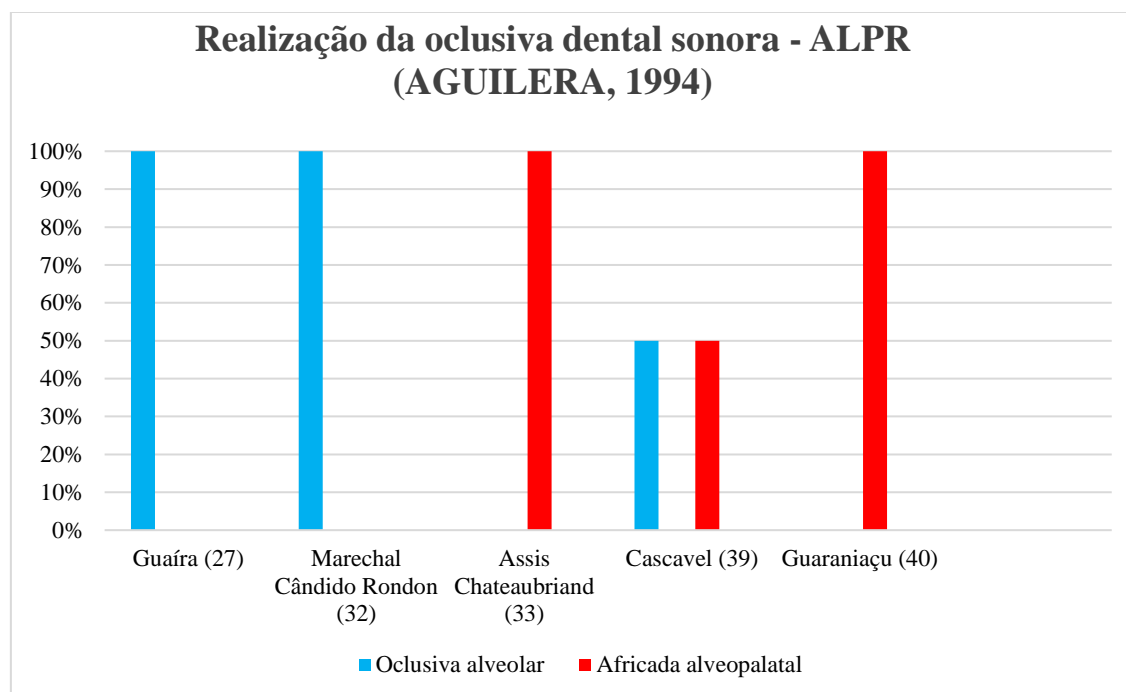
Segundo Busse (2010),

A palatalização toma o Oeste vindo pelo centro. Nesse caso, podemos pensar em duas hipóteses: (i) trata-se de uma forma inovadora originária de outras regiões do Paraná e do Brasil; ou (ii) de uma forma remanescente de processos de povoamento nordestino em áreas isoladas da região, forma essa que foi mantida e, diante da reconfiguração étnica e cultural da região, disseminada, principalmente nas áreas de colonização mista (BUSSE, 2010, p. 97).

Condicionamentos linguísticos e sociais podem favorecer a palatalização, conforme destacam Battisti e Dornelles Filho (2015). No contexto social, os jovens e habitantes de zona urbana produzem o fenômeno com mais ênfase, enquanto no contexto linguístico a vogal alta fonológica e a consoante-alvo desvozeada criam ambientes propícios para a realização.

A seguir, apresentamos no gráfico 02 a distribuição areal dos dados:

Gráfico 02 – Realização da oclusiva dental sonora no ALPR (AGUILERA, 1994)



Fonte: elaborado pela autora com base no ALPR (AGUILERA, 1994).

A manutenção de oclusiva dental prevalece nos municípios de Guaíra e de Marechal Cândido Rondon. Em Cascavel, há equilíbrio entre formas de manutenção e de variação, pois ambas se fizeram presentes em igualdade de registros. Por outro lado, em Assis Chateaubriand e em Guaraniáçu há predomínio de africada alveopalatal.

Em Assis Chateaubriand e Guaraniáçu todos os informantes palatalizaram a oclusiva dental, indicando a produtividade do fenômeno nas comunidades, dado que homens e mulheres registraram a africada alveopalatal. A presença de palatalização na



comunidade reflete a percepção que os próprios falantes têm sobre a variante, conforme Battisti e Dorneles Filho (2015):

O indivíduo herda da comunidade o sistema da língua (a variação, inclusive). Os informantes são representantes da comunidade e a comunidade é definida pelo analista através das categorias sociais que propõe e controla na análise. O que define a comunidade de fala são os padrões de uso da língua e não o indivíduo ou a fala individual (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2015, p. 1120).

O registro de oclusiva dental em outras comunidades, como Guaíra e Marechal Cândido Rondon, revela o valor social da palatalização da comunidade, pois identifica o falante como pertencente ao grupo, não apenas física, mas culturalmente. A linguagem, nesse contexto, se converte em símbolo, patrimônio cultural que distingue e dá visibilidade à comunidade (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2015). A realização da oclusiva dental se justifica considerando o perfil dos informantes, moradores da área rural e, em sua maioria, com antepassados alemães.

Em Cascavel somente a informante do sexo feminino registrou a africada alveopalatal. Nos demais municípios, homens e mulheres adotaram comportamento semelhante entre si, revelando, assim, que a variável diasssexual, neste contexto, não parece atuar sobre o fenômeno.

Concluindo, verificamos que não houve contexto linguístico atuante sobre a produção da africada alveopalatal, em relação a: i) posição da sílaba; ii) contexto anterior nasal ou iii) vozeamento da oclusiva. Há, outrossim, influência da formação histórico-cultural da localidade, com os municípios de Marechal Cândido Rondon preservando os traços dos descendentes europeus, Cascavel, Guaíra e Guaraniaçu transitando entre a manutenção e a inovação linguística e Assis Chateaubriand aplicando a regra, confessando a presença de outros grupos colonizadores.

Considerações finais

Examinando as variantes para a oclusiva dental surda e sonora, seguida da vogal alta anterior, no Oeste do Paraná, verificamos que condicionamentos linguísticos e sociais



estão envolvidos na realização da manutenção ou da variação linguística. A palatalização da oclusiva dental, favorecida pela elevação de vogal média /e/ para alta [i], caracteriza os falantes do Sul do Brasil e denuncia suas origens europeias. Com a migração dos descendentes do Rio Grande do Sul para Paraná e Santa Catarina, principalmente para as regiões oesteanas, a variante dos sulistas se difundiu e, mesmo em contato com outros falares, em muitos municípios, que serão apresentados adiante, permanece ou prevalece nos registros dos informantes. A expansão da variante está interligada ao legado econômico, histórico e cultural dos primeiros falantes, e orienta a sociedade a dois julgamentos diferentes, de acordo com a formação cultural: de individualizar a variante aos primeiros moradores e a eles dar crédito ao desbravamento das terras e ao fornecimento de produtos alimentícios ou a relacioná-los a um falante rural, sem escolaridade e aculturado.

Ao buscarmos identificar a possível influência dos aspectos históricos e culturais da colonização do Oeste paranaense na formação de áreas de manutenção e variação linguística no tempo verificamos que, nos municípios que apresentaram campo fértil de reprodução, ou seja, naqueles em que os sulistas eram pioneiros, a variante oclusiva dental predomina ou faz parte do cotidiano dos moradores.

Referências

- ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). **Gramática do português falado**. Volume VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 557-602.
- AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná - ALPR**. Apresentação. Londrina: Eduep, 1996.
- AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- AMARAL, M. P. do. A síncope e a africada alveolar. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 93-113.
- BATTISTI, E. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul.



Diadorim, Rio de Janeiro, v. 8, p. 103-124, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/issue/view/627>. Acesso em: 13 maio 2021.

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, 8 ago. 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1239>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BATTISTI, E.; DUARTE, I. A palatalização das oclusivas alveolares em Porto Alegre (RS): análise em tempo real. In: Salão de iniciação científica, 29., 2017, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2017, p. 01.

BISOL, L. Palatalization and its variable restriction. **International Journal of Sociology of Language**, n. 89, p. 107-124, 1991. Disponível em: <https://www.deepdyve.com/lp/degruyter/palatalization-and-its-variable-restriction-ZX4ldfwg8i>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BISOL, L.; HORA, D. da. “Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. **Letras**, n. 5, p. 26-40, jun. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/citationstylelanguage/get/chicago-author-date?submissionId=11447&publicationId=8860>. Acesso em: 20 jul. 2022.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 2, n. 11, p. 51-66, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/183250>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BUSSE, S. **Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná – Volume I**. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CRISTÓFARO SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D. NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2744>. Acesso em: 15 nov. 2020.

DUTRA, E. O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HENRIQUE, P.; HORA, D. da. Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense. In: Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 24., 2012, Natal. **Anais [...]**. Natal: EDUFRN, 2012. p. 01-11. Disponível em: <http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/Arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Sociolingu%C3%ADstica%20e%20Dialetologia/Pedro%20Felipe,%20Dermeval%20da%20Hora-%20UM%20OLHAR%20SOBRE%20A%20PALATALIZA%C3%87%C3%83O%20DAS%20OCLUSIVAS%20DENTAIS%20NO%20VERN%C3%81CULO%20PESSOENSE.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.



FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, Londres, v. 14, n. 1, p. 47-56, 1958. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00437956.1958.11659655>. Acesso em: 02 fev. 2022.

HORA, D. da. **A palatalização das oclusivas dentais**: variação e representação não-linear. 1990. Tese (Doutorado em Letras – Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

MATTÉ, G. D. A palatalização variável de /t,d/ em Caxias do Sul. **Cadernos do IL**, [s. l.], n. 38, p. 43–55, 2011. DOI: 10.22456/2236-6385.24982. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/24982>. Acesso em: 6 jul. 2022.

MOLLICA, M.C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 27-31.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Disfluences in the analysis of speech data. **Language Variation and Change**, Massachusetts, v. 8, n. 1, p. 1-12, 1996. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/listing?q=Disfluences+in+the+analysis+of+speech+data&_csrf=DtLJPskrfOhlJaYdR3HLLr3v2SNpmgf5kvQ&searchWithinIds=CD9814A272A12902DEA37BA569C0E157&fts=yes. Acesso em: 13 fev. 2022.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

SOUZA, G. G. A. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe-SE**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

TOSIN, G. A. S. **Caracterização física do uso e ocupação da bacia hidrográfica do rio Cascavel**. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia Agrícola) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2005.

VENDRAME, M. I.; ZANINI, M. C. C. Imigrantes italianos no Brasil meridional: práticas sociais e culturais na conformação das comunidades coloniais. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 128-149, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5969564>. Acesso em: 28 maio 2021.

Recebido em: 22/11/2022 | Aprovado em: 26/08/2023
Publicado em: 27/07/2025
